

Brasília e Carajás

N. Brasília

WALTER FONTOURA

Há quem diga que entre os motivos que levaram à construção de Brasília figura, e não sem relevo, o isolamento do Planalto Central. O presidente Kubitschek, eleito com a promessa de fazer "50 anos em cinco", era, volta e meia, obrigado a sair de seus cuidados para lidar, pessoalmente, com uma greve de estudantes contra o aumento das passagens de bonde.

Em Brasília, "na solidão do Planalto Central", o presidente da República teria vagar para dedicar-se integralmente à sua missão, ao interesse nacional. No Rio, no Palácio do Catete, o presidente era mais ou menos refém de qualquer grupo que resolvesse, por qualquer motivo, fechar não o Congresso, mas a Rua

do Catete. A idéia de Brasília, projetada para poucos habitantes, sem cruzamentos nem engarrafamentos, era certinha demais para dar certo, mas foi levada adiante de qualquer modo, como se sabe, não obstante feroz oposição de alguns críticos, alguns até com certo exagero. O professor Corção, por exemplo, chegou a vaticinar (parece até que a provar) que os telefones lá não funcionariam. Não funcionam muito bem, é verdade, mas nem só em Brasília — e a culpa não é da cidade, mas da falta de investimento.

Certo é que Brasília foi feita, povoada, arborizada, tem engarrafamentos e crime, como qualquer outra cidade do seu porte, e é da oposição. Não era, no começo: funcionários públicos transferidos para lá recebiam salário em dobro e ti-

nham direito a apartamentos funcionais, que depois muitos compraram, em boas condições de financiamento. O Governo Jânio Quadros durou só sete meses e não conta, embora no dia seguinte à posse todo mundo (não só em Brasília, mas no país) se apresentasse de manhã para trabalhar, abandonando o expediente de meio-dia às seis. Depois vieram João Goulart, as escaramuças político-militares que resultaram no parlamentarismo, o primeiro-ministro Tancredo Neves, o plebiscito que devolveu Goulart à Presidência, a revolução de 64, os governos militares, a campanha das diretas, a eleição indireta de Tancredo, Sarney; as diretas que nos deram Collor, Itamar, Fernando Henrique.

O espírito tolerante e conciliador de Sarney conviveu com greves e manifesta-

ções de todo tipo e tamanho, em Brasília e em todo o país, e não há notícia de funcionário público, mesmo em serviço essencial, demitido por greve durante seu governo. Com o mesmo espírito, o presidente Fernando Henrique vai descobrindo que Brasília pode ter tudo — menos isolamento. A qualquer momento, a cidade é tomada, o próprio Palácio do Planalto sitiado, gabinetes de ministros ocupados, invadidos, depredados. Mas onde será que estamos?

Os protestos e manifestações são marcados pela violência, pelo tom desabrido e desrespeitoso, incivil. Nesse clima, criam-se todas as condições para a repetição de episódios como o que tivemos em Eldorado de Carajás. Houve uma chacina, em Eldorado de Carajás. Mas o que a televisão mostrou, a todo o país, foi um

troço de sem-terra, brandindo foices, enxadas e porretes, correndo na direção de policiais militares, que recuam em desordem. Ouve-se um tiro, depois uma rajada de metralhadora, o horror. Nada justifica as mortes, mas que esperar de um policial militar do Pará, no meio da mata, naquelas circunstâncias? Teremos aprendido, com Eldorado de Carajás, que em situação análoga a primeira providência é não mandar policiais armados? Sabemos.

De qualquer forma, a persistir o tom das manifestações, a escalada da violência, não será surpresa se a qualquer momento tivermos uma chacina em Brasília — o "eldorado dos marajás".

WALTER FONTOURA é diretor da sucursal do GLOBO em São Paulo.